

SER CONGREGACIONAL: O QUE SIGNIFICA ISSO?

Congregacionalismo é a forma de governo eclesiástico em que a autoridade repousa sobre a independência e a autonomia de cada Igreja local. Os Congregacionais ensinam que este é o sistema de governo para as igrejas locais que se encontra no Novo Testamento, tendo como texto fundante:

Se teu irmão pecar [contra ti], vai argui-lo entre ti e ele só. Se ele te ouvir, ganhaste a teu irmão. Se, porém, não te ouvir, toma ainda contigo uma ou duas pessoas, para que, pelo depoimento de duas ou três testemunhas, toda palavra se estabeleça. E, se ele não os atender, dize-o à igreja; e, se recusar ouvir também a igreja, considera-o como gentio e publicano. Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra terá sido ligado nos céus, e tudo o que desligardes na terra terá sido desligado nos céus. Em verdade também vos digo que, se dois dentre vós, sobre a terra, concordarem a respeito de qualquer coisa que, porventura, pedirem, ser-lhes-á concedida por meu Pai, que está nos céus. Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles (Mt 18. 15-20).

Para isso, apresentam argumentos como os seguintes.

O governo da igreja no Novo Testamento

No Novo Testamento não encontramos uma hierarquia piramidal dirigindo as igrejas primitivas, mas, ao contrário disso, as palavras bispo, pastor e presbítero aparecem como sinônimas na época (At 20. 17, 28), sem haver acentuada subordinação hierárquica de uns para com os outros. Veja, por exemplo, a equivalência entre presbítero e bispo em Tito 1. 5,7.

Encontramos também o fato de que as cartas apostólicas para as igrejas eram dirigidas à comunidade, e não aos seus líderes em particular, como se houvesse diferenciação (Rm 1.1,7; 1Co 1.1-2; Ef 1.1-2; Fp 1.1).

Nas igrejas locais toda a comunidade era ativa na resolução das situações, o poder não estava numa classe ordenada ou privilegiada, um clero, conselho ou algo assim, e isso mesmo com os apóstolos em vida (At 1. 15-26; 6.3; 13. 1-3; 14.21-23; 15.1-25; 1Co 5. 1-8; 6.1-5; e 16.3, onde está escrita a frase: *aqueles [homens] que aprovardes*). As reuniões de membros eram o recurso usado para resolver seus problemas. Observe por exemplo essa passagem: *“Então pareceu bem aos apóstolos e aos anciãos, com toda a igreja, eleger varões dentre eles e enviá-los com Paulo e Barnabé a saber: Judas, chamado Barsabás, e Silas, varões distintos entre os irmãos”* (At 15.22). O importante nesse texto é a expressão *“pareceu bem”*. Aqui está a palavra grega *edoxe*, que era um termo técnico usado para *votação* ou a *“aprovação de uma medida em assembleia”*. Note que mesmo os apóstolos estando nesta assembleia, não houve imposição, mas eles decidiram tudo em concordância (At 15.25). Em 2Coríntios 8.19, Paulo diz que se fez acompanhar até Jerusalém por um representante que foi *eleito* (Gr. *cheirotoneô*) pelas igrejas. Esta palavra usada aqui tem o sentido de: *“estender a mão, votar erguendo a mão, eleger, apontar, indicar”*. Assim, palavras como essas usadas no Novo Testamento indicam que as igrejas agiam mediante votação, até quando

escolhiam seus oficiais e representantes. Veja, por exemplo, Atos 14.23 no qual aparece novamente o verbo *cheirotoneô* (eleição).

Notamos na Segunda Carta aos Coríntios que Paulo sofre porque os líderes daquela comunidade não o respeitavam (caps. 10 e 11), e o apóstolo João reclama de um homem chamado Diótrefes que não recebia suas cartas e ainda falava mal dele (2Jo. 9-10). Estes exemplos mostram que não havia um poder central para governar as igrejas e que nem mesmo o poder dos apóstolos era respeitado sem restrições. As igrejas, reunidos pastores, oficiais e membros, se autogovernavam, autossustentavam, autodisciplinavam e autopropagavam na direção do Espírito Santo. A palavra final não era de um líder ou conselho, mas sempre da igreja reunida (At 6.2-5; 1Co 5.1-5; 6. 1-5). No Novo Testamento é Cristo no meio da igreja congregada quem dirige as decisões: “*onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles*” (Mt 18. 20). E isso é Congregacionalismo em essência.

Distintivos Congregacionais importantes

Sabendo que autonomia e participação caracterizam o governo Congregacional, vamos, agora, mostrar três aspectos marcantes de uma igreja Congregacional de fato:

a) Comunhão entre as igrejas. Veja que mesmo não havendo poder central ou denominação que legisasse sobre as igrejas irmãs no Novo Testamento, a decisão tomada na assembleia da igreja em Jerusalém foi recomendada para outras igrejas que já estavam formadas na Síria, Antioquia e Cilícia (At 15. 23). Mesmo sendo livres em suas decisões, como a igreja de Antioquia que solicitou ajuda à Jerusalém por livre vontade (At 15. 2-3), nada impedia que essas igrejas irmãs acatassem o parecer dos irmãos mais experientes de Jerusalém, se um problema igual surgisse no meio deles (convivência de gentios com judeus). Pois, o parecer era dirigido por Deus e a melhor solução para a questão. Foi a comunhão que levou a isso. Na confissão de fé da Igreja Congregacional fundada por Henry Jacob em 1616 na Inglaterra, estava escrito:

Não obstante, reconhecemos com todos que poderá haver, e que oportunamente deveria haver na terra uma associação de congregações ou igrejas, a saber, por meio de sínodos. Não, porém, uma subordinação, nem, certamente, uma sujeição das congregações a alguma autoridade espiritual superior e absoluta, exceto a de Cristo e das Escrituras Sagradas.¹

E o documento Congregacional *Declaração de Savoy* (1658) observa:

Todos os santos são obrigados a manterem uma santa sociedade e comunhão no culto divino e na realização de outros serviços espirituais para sua edificação mútua; bem como a assistirem uns aos outros com coisas materiais, de acordo com suas várias habilidades e necessidades. Esta comunhão... deve estender-se a todos aqueles que, em todo lugar, invocam o nome do Senhor Jesus {Hb. 10. 24-25; At. 2. 42, 46; 1 Jo. 3.17; At. 11. 29-30} (XXVII, 2).

¹ LLOYD-JONES, D. M. Martyn. *Os Puritanos: suas origens e seus sucessores* (São Paulo: PES, 1993), p. 173.

Ser Congregacional não implica em isolacionismo. A autonomia da igreja local levada ao seu limite não é Congregacionalismo. A comunhão convém aos santos, a participação ativa em uma denominação (associação de igrejas) é marca primordial dos Congregacionais.

- b) Respeito aos líderes.** Participar de uma igreja Congregacional não significa dizer que todo mundo faz o que quer indiscriminadamente. Os pastores e obreiros têm autoridade nas igrejas como oficiais escolhidos por Deus. Observe:

E agora, irmãos, eu vos peço o seguinte (sabeis que a casa de Estéfanos é as primícias da Acaia, e que se consagram ao serviço dos santos); **Que também vos sujeiteis a esses tais, como também a todo aquele que é cooperador e obreiro** (1Co 16.15-16; leia também Hb 13.17; 1Pe 5.5).

Quando o Novo Testamento afirma tais coisas, não diz que havia um grupo isolado que governava a igreja local, mas, sim, que ser Congregacional é saber respeitar as pessoas que são usadas por Deus para servirem como líderes nas igrejas locais.

- c) Assembleias de membros.** Toda igreja na qual as decisões são tomadas por um grupo de líderes, tenha esse grupo o nome que tiver, sem o voto dos membros em uma assembleia, não é uma igreja Congregacional mesmo que leve esse nome. No Novo Testamento todos os membros convertidos formavam o sacerdócio (1Pe 2.9; Ap 1.6; 5. 9-10), e participava das decisões como já vimos. O ser Congregacional está justamente no fato de participar ativamente das resoluções da comunidade. E isso se faz na assembleia de membros.

O resgate do Congregacionalismo na Inglaterra do século XVI

Depois que as igrejas do período do Novo Testamento assumiram, a partir da segunda metade do século II e início do século III, um sistema de governo centralizado e hierarquizado, as comunidades começaram a perder seu poder de decisão, o que culminou com a instituição do Papado e a romanização da Cristandade durante toda a Idade Média.² Devido à situação difícil na qual a Cristandade se colocou, ocorreram as Reformas Religiosas do século XVI em países como Alemanha e Suíça. Nesse contexto de revoluções, na Inglaterra, disputas políticas entre o Rei Henrique VIII e o Papa de Roma levaram a criação da Igreja Anglicana. Esta denominação, no seu início, não rompeu com todas as doutrinas do Romanismo, o que levou muitos cristãos a saírem dela.

² ESTRADA, Juan Antonio. *Para Compreender como Surgiu a Igreja* (São Paulo: Paulinas, 2005) pp. 347-387.

Já em 1550 havia homens e mulheres se reunindo para adorar a Deus e administrar as ordenanças separadamente da Igreja Anglicana. Quando ficou claro que a então rainha Elizabeth I não tinha intenção de uma reforma radical da Igreja inglesa, o número dessas comunidades separadas aumentou.

O primeiro registro histórico de uma igreja Congregacional na Inglaterra é do século XVI. Um pequeno grupo de cerca de cem irmãos insatisfeitos com tudo o que estava acontecendo dentro da Igreja Anglicana, começou a se reunir para adorar secretamente no “Salão Plumbers”, em Londres. Eles eram chamados de “a Igreja de Privye” (ou Igreja Privada) transformando-se esta na primeira das muitas congregações separadas na Inglaterra. O ajuntamento foi considerado ilegal pelas autoridades e em **19 de Junho de 1567**, os seus membros foram presos, açoitados em público ou mortos. Este dia é considerado por muitos historiadores como o dia do resgate da maneira Congregacional de ser igreja na Era moderna.³

A congregação do Salão Plumbers foi, assim, dispersa, mas foi logo reorganizada, e agora com mais clareza de sua finalidade. Os seus membros fizeram um pacto entre si para adoração a Deus. Mas, mais uma vez foram descobertos, diversos membros foram novamente presos e outros juntamente com seu pastor **Richard Fitz** foram mortos.

O pastor **Robert Browne** (1550?- 1633)⁴ foi o primeiro teórico do sistema, insistia em que estas «igrejas separadas”, deviam ser independentes do Estado e ter o direito de governarem-se a si próprias, estabelecendo assim as linhas essenciais do Congregacionalismo como o conhecemos hoje. Desde 1580 os *Brownistas* (como passaram a ser chamados estes dissidentes) aumentaram em número e os contornos do Congregacionalismo tornaram-se mais claramente definidos. Igrejas foram formadas em Norwich, Londres, Scrooby e Gainsborough (Inglaterra).

Os Pais Peregrinos, Congregacionalismo norte-americano, Uniões e fusões.

O movimento foi impulsionado pela perseguição que se tornou ferrenha a partir do coroa inglesa. Sem poder permanecer em solo inglês alguns destes irmãos migraram

³ Para detalhes veja: WADDINGTON, John. *Congregational History – 1200-1567* (London: John Snow and Co., Paternoster Row, 1869), pp. 742-748; PEEL, Albert. *The First Congregational Churches. New Light on Separatist Congregations in London 1567-81* (Cambridge University Press, 1920), pp. 6-9. Todo este pequeno livro é uma vasta seleção de documentos provando o fato de que estas primeiras congregações eram igrejas Congregacionais completas.

⁴ Justo L. GONZALES concorda com a data de 1550? -1633 em *Uma História do Pensamento Cristão*, vl. III (São Paulo: Cultura cristã, 2004), p. 296. Já em <http://en.wikipedia.org/wiki/Robert_Browne_%28Brownist%29> temos as seguintes datas 1550? -1630. Acesso em: 26/08/2016. Para toda história dos primeiros separatistas, especialmente dos “Peregrinos”, apesar das outras fontes citadas eu sigo de perto: HARRIS, John. *Saga of The Pilgrim*, disponível em: <<http://www.unityinchrist.com/history/saga2.htm>> Acesso em: 28/07/2016. Veja também: *Pilgrims Deeds and Duties; a Handbook of Congregational History and Outlook* (Boston and Chicago: The Pilgrim Press, 1916).

para a Holanda e depois (1620) para os Estados Unidos da América,⁵ na famosa viagem do navio **Mayflower**. Ficaram para a história como os “Pais Peregrinos”. No que seria futuramente os EUA o Congregacionalismo foi influente na formação tanto da nação, como da religião e da política daquele país.

A educação sempre esteve ligada aos Congregacionais, instituições como: **Universidade Harvad** (1636), **Universidade de Yale** (1701), **Oberlin College** (1833), **Seminário Teológico Andover** (1807) que estão entre as primeiras da América, são fundações Congregacionais.

No início do século XVIII, durante o Primeiro Grande Despertamento da América do Norte o teólogo mais destacado foi o pastor da Igreja Congregacional em Northampton Jonathan Edwards. Este se tornou o maior escritor e analista do Avivamento e seus livros sobre o assunto são referência até hoje. Edwards figura entre os maiores filósofos e teólogos americanos de todos os tempos.

Apesar da autonomia, a independência das igrejas Congregacionais não as coloca em completo isolamento. Com o passar do tempo as diversas igrejas locais reconheceram o vínculo de uma fé e ordem comum e formaram associações locais de apoio mútuo e estreitamento de relações. A maior parte das igrejas Congregacionais já associadas nos EUA, em 1957, ingressou com a Igreja Evangélica Reformada e outras igrejas cristãs em uma união para formar a **Igreja Unida de Cristo (UCC)**, que é o maior grupo Congregacional da América hoje. As igrejas que não concordaram com esta união formaram outras associações até hoje existentes, com destaque para a **Associação Nacional de Igrejas Cristãs Congregacionais** e a **Conferência Cristã Conservadora Congregacional**.

A **União Congregacional da Escócia** foi formada em 1812; a da **União Congregacional da Inglaterra e País de Gales** em 1832. Estas uniões não tinham qualquer autoridade legislativa, mas serviram para aconselhar as igrejas e exprimir as suas ideias em comum. Em 1967 a **União Congregacional da Inglaterra e País de Gales** foi transformada na **Igreja Congregacional da Inglaterra e País de Gales**.

Em 1972 a maior parte das Igrejas Congregacionais na Inglaterra e no País de Gales se uniu com a Igreja Presbiteriana da Inglaterra para formar a **Igreja Reformada Unida**. Muitas igrejas que não concordaram com esta união formam hoje a **Federação Congregacional** e a **Comunhão de Igrejas Evangélicas Independentes**.

Entre os nomes representativos do Congregacionalismo antigo e moderno se encontram: John Owen, Thomas Goodwin, Jonathan Edwards, Isaac Watts, David Brainerd, John Eliot, John Cotton, Cotton Mather, William Ames, Lewis Sperry Chafer, C. H. Dodd, P.T. Forsyth, Williston Walker, Martyn Lloyd-Jones, David F. Wells, Walter Brueggemann.

⁵ Toda esta história é contada com detalhes em: CAFFREY, Kate. *The Mayflower* (Maryland: The Rowman & Littlefield Publishing Group, 2014). Veja para um breve relato: CAIRNS, Earle E. *O Cristianismo Através dos Séculos: uma história da Igreja Cristã*, 2ª ed. (São Paulo: Vida Nova, 2006), pp. 347-351.

QUESTÕES

- 1- O que é o Congregacionalismo?
- 2- Cite três distintivos congregacionais?
- 3- Qual o sistema de governo das igrejas no Novo Testamento?
- 4- Quem foi Robert Browne?